

Prefácio

Débora Cristina Morato Pinto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINTO, D. C. M. Prefácio. In: RODRIGUES, P. C. *Introdução à filosofia de Bergson* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 9-13. ISBN: 978-65-5714-302-5. <https://doi.org/10.7476/9786557143025.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Débora Cristina Morato Pinto

A tentativa de apresentar introdutoriamente a leitores variados o pensamento de um grande filósofo é sempre ousada, sinuosa, atravessada pelo duplo perigo de simplesmente repeti-lo ou de desnaturá-lo por completo, segundo os constrangimentos da simplificação excessiva. O segredo para evitá-los, via de regra, reside em conseguir comunicar a intuição central do pensador e expor de que modo tal intuição, ou ideia diretriz, retoma e renova os temas sobre os quais ele escolheu debruçar-se. A tarefa alcança um teor ainda mais difícil quando se trata de um filósofo que, por vias diversas, buscou aproximar-se dos limites da racionalidade ocidental e situou sua reflexão nas bordas do pensamento intelectualista. Esse é o caso de Henri Bergson.

Como passar da reveladora descoberta do equívoco, incontornável à linha de raciocínio de Herbert Spencer, sobre o tempo ao exame do dinamismo psicológico e, por consequência, de uma teoria da vida mental à cosmologia e à metafísica? De que modo o estudo da consciência pode fundar a teoria da vida e a compreensão da natureza? Como conciliar um ponto de partida que é, sobretudo, a descoberta de um erro estrutural ao saber humano e a teorização renovada que lhe vem a reboque, cuja positividade é inseparável de uma crítica constante da tradição, desmontagem de mecanismos do pensar que

é recorrente, insistente, atenta, jamais negligenciável? O *motivo* da filosofia bergsoniana é a constatação de que o tempo matematizado, ou seja, espacializado, não é o *tempo real*. O pensamento que atua segundo a forma espacial está, portanto, fadado a perder o tempo de vista e deixar escapar o estofado do real. A filosofia de Bergson vincula, a partir de tal constatação, a crítica, no sentido que lhe deu Kant (análise da estrutura do entendimento e das formas de apreensão do real que constituem a experiência objetiva) à compreensão intuitiva do real, que escapa à estruturação intelectual, devendo ao mesmo tempo compor-se com ela para tornar-se efetivamente *conhecimento*.

Paulo César Rodrigues expõe com desenvoltura e, mais importante, com clareza, meandros dessa crítica e a sua contrapartida, o esforço de diferenciação das noções de espaço e tempo, justaposição e interpenetração, quantidade e qualidade, simultaneidade e sucessão, homogêneo e heterogêneo, matéria e vida, fechamento e abertura, estabilidade e dinamismo – os célebres dualismos bergsonianos. A exposição estrutura-se, no entanto, considerando o teor teórico e metodológico das distinções, deixando a porta aberta para que não se perca o impulso originário numa unidade – o tempo, a duração, cujo sentido deve dar conta das metades separadas. Em suma, a apresentação do pensamento bergsoniano se faz aqui iluminando cuidadosamente as razões da diferenciação, de modo que elas já indicam a *unidade viva* que lhe dará sentido, que será o seu significado, por assim dizer, último. Eis o valor de uma introdução que não perde de vista a complexidade de uma obra: no bergsonismo, o desafio maior é justamente o de entender esse esforço, no qual reside também a sua inegável originalidade. Saber distinguir entre, de um lado, os esquemas práticos, instrumentos de inteligibilidade que servem à vida e, de outro, a experiência concreta que toca o real, eis o *modus operandi* implicado na *intuição*. A introdução desenvolvida nas páginas que se seguem não perde de vista essa noção tão capital, e se organiza de modo a evidenciar o viés especial que ela recebe no bergsonismo, o que sempre foi muito mal compreendido por parte considerável da crítica feroz que tomou esse pensamento como anti-intelectualista.

Em outros termos, sabemos, pela inestimável descrição de Gilles Deleuze, que a intuição bergsoniana opera tanto por meio de *diferenciações* entre domínios da experiência como por obtenção de direções segundo *linhas de fato diversas*. Crítica e dissociação dos mistos configuram a única maneira de reunir as presenças ou tendências puras na unidade viva do real. A essa unidade dos diferentes, Bergson articulou os meandros de uma psicologia profunda, ao mesmo tempo que explorou intensamente os limites de um racionalismo que não soube distinguir os esquemas conceituais que “balizam a vida cotidiana” do *pensamento em duração* que a filosofia exige e assume, uma vez considerada a vida consciente em seu fazer-se. Aqui, o leitor encontrará uma exposição que toca nessa difícil articulação e prepara o enfrentamento da filosofia bergsoniana para aqueles que se dispuserem a mergulhar em suas obras. Mais que isso, como trabalho de comentário metuculoso e elaborado, preciso e claro, torna evidente que esse mergulho foi realizado, pelo autor, várias vezes, condição que lhe permite expressar o sabor que se anuncia nessa filosofia tão afeita ao nosso tempo.

A proposta de tocar vez a vez em temas percorridos ao longo dos livros de Bergson, cercado de perto os pontos essenciais das análises a que os temas foram submetidos, se mostra muito acertada. Ela permite ao leitor acompanhar o movimento em espiral que gira em torno do mesmo fenômeno, a temporalidade, segundo contextos diversos de sua manifestação, e o aprofunda, aproximando-se do que é em última instância um núcleo inefável. E a análise introdutória aqui levada a cabo pode cumprir essa tarefa na medida em que coloca seu foco na complementaridade entre as noções que figuram a duração a cada problema colocado em novos termos por Bergson. Profundidade do eu como duração substancial, memória pura inserindo-se no mundo através do corpo, matéria como ritmo da duração, evolução da vida por dissociação de um impulso de criação, abertura moral que supera os limites do homem tomado em sua raiz biológica, todos os temas são, com efeito, redescrições da *continuidade de transformação* que caracteriza o real como *jorro ininterrupto de novidade*. É o que Paulo César Rodrigues nos mostra

apontando como a afirmação da consciência, da vida e do real em termos de esforço de invenção (ou seja, criação) está fundada no exame concreto dos fenômenos que lhe concernem, e a incômoda passagem da psicologia à cosmologia pode e deve ser entendida simplesmente pela consideração, em níveis mais profundos, do significado da expressão “futuro aberto”, isto é, da não preexistência do porvir ao seu advento. Do mesmo modo, podemos citar a introdução dos temas da percepção e da matéria, cujo delineamento põe em evidência o gesto teórico de *nivelamento* que conduz o segundo livro, *Matéria e memória*, entre a matéria em si e a matéria percebida. Gesto que é, inclusive, valorizado intensamente pela fenomenologia contemporânea, dado que ele implica a afirmação da imanência da percepção ao corpo e ao mundo e a definição do método da intuição como busca da experiência em sua fonte. Ao comentá-lo, o autor nos esclarece como Bergson aí abriu a “passagem promissora para o nível cosmológico”, num dentre vários outros exemplos felizes de concatenação entre os problemas e temas que ele é capaz de pontuar e relacionar no movimento do pensamento bergsoniano.

Finalmente, importa ressaltar duas qualidades relevantes dessa introdução ao bergsonismo. A primeira é a valiosa apresentação da antropologia e da moral, isto é, da última obra do filósofo, que, via de regra, é evitada nas apresentações e comentários da obra que a tomam na sua completude (é o caso dos preciosos livros de Deleuze e de Bento Prado Júnior, por exemplo, que só a mencionam ligeiramente). A consideração de *Duas fontes* amplifica assim a capacidade de apontar proveitosas irradiações da filosofia da duração para as ciências humanas. Em segundo lugar, o uso, mesmo que comedido, das imagens literárias e poéticas (Guimarães Rosa e Jorge de Lima, em breves aparições grandiosas) e de exemplos da arte (em especial, do cinema de Kubrick) para ilustrar a argumentação em torno do tempo – expedientes convergentes com as exposições cristalinas e com o uso de imagens, com as mobilizações de exemplos da vida comum e da arte, enfim, com os recursos que marcaram o estilo inconfundível de Bergson, esses mesmos que lhe valeram o Prêmio Nobel de Literatura.

A mudança de ritmo de vida nos últimos dois séculos nos traz a impressão de que o pensamento filosófico também tem que correr para alcançar as transformações velozes na produção e comunicação das ideias humanas. Nós nos esquecemos assim que clássicos como Descartes (século XVII) e Kant (século XVIII) abriram questões e impuseram desafios teóricos enfrentados em nosso século, sem mencionar que o pensamento grego ainda está em nós e atravessa nossas mentes inquietas, imersas numa miríade de fenômenos em mutação voraz. Bergson, cuja obra se construiu na virada do século XIX ao XX, tem ainda um longo caminho de comentário, de análises e estudos especializados a ser percorrido. Somente por esse caminho a medida do seu impacto será possível. Trata-se, especialmente pelo núcleo de sua filosofia, o tempo, de um pensamento pleno de virtualidades a serem desdobradas, atualizadas. Trata-se de seguir as consequências, filosóficas e vitais, da redescoberta do tempo como duração, isto é, do ininterrupto “advento de novidade” que é o real e que, por isso mesmo, garante a dimensão de contingência e imprevisibilidade do futuro. Pensar em duração consiste, portanto, num modo especial de fazer filosofia, cuja potência crítica e positiva ainda está por ser explorada. Encontramos assim, no livro em mãos, uma excelente apresentação ao filósofo, cuja função, preparada com cuidado e dedicação, será certamente cumprida, projetando mais e melhores leitores dessa obra tão essencial.